




Minicurso:

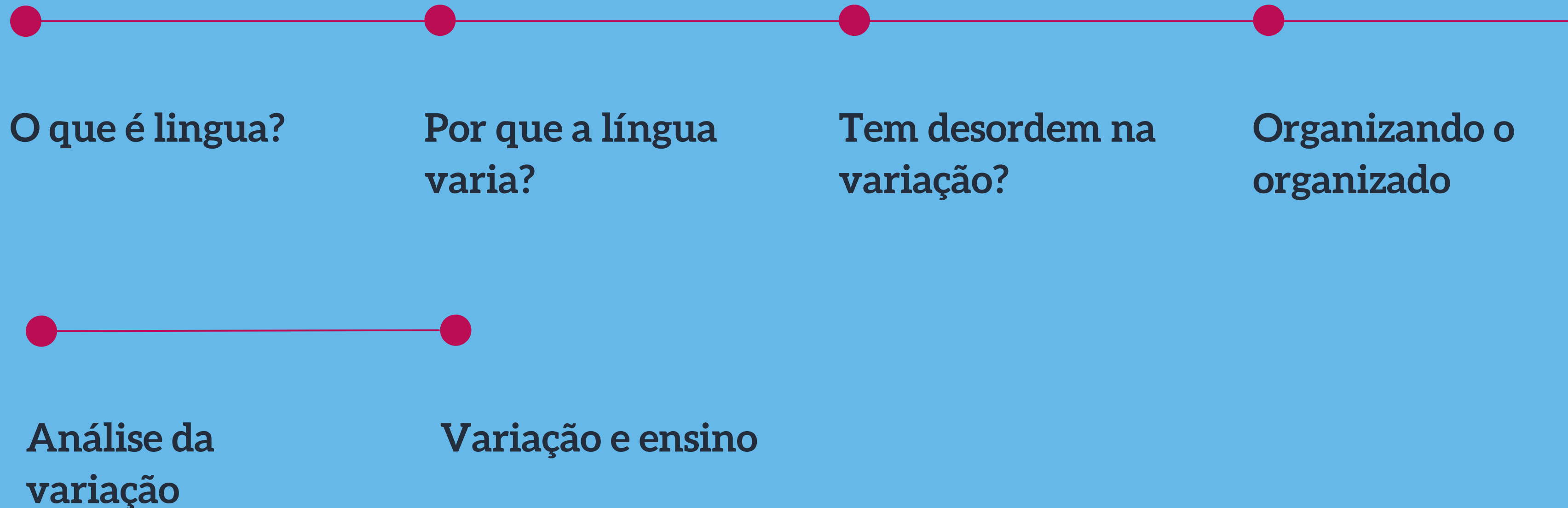
VARIAÇÃO LINGUÍSTICA


**Prof. Leandro Araujo
(UFU/NormaLi/PPGEL/PROFLETRAS)**





PERCURSO





O que é LÍNGUA?

"[...] se estudamos a linguagem de vários lados simultaneamente, o objeto da linguística nos parece um amontoado confuso de coisas heteróclitas [irregular] sem vínculo entre si. [...]" (SAUSSURE, [1916] 2021, p.52)

"uma solução [...]: situar-se [...] no domínio da língua e tomá-la por norma de todas as outras manifestações da linguagem" (SAUSSURE, 2021, p.52)

[...] a língua é uma coisa adquirida e convencional [...] um sistema de signos distintos correspondentes a ideias distintas. (SAUSSURE, 2021, p. 53)

O Estudo da linguagem comporta pois, duas partes: uma essencial, tem por objetivo a língua, que é social em sua essência e independência do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico; a outra, a secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, isto é, a fala, inclusive a fonação, ela é psicofísica. (SAUSSURE, 2021, p. 62)

O todo global da linguagem é incognoscível, porque não é homogêneo, ao passo que a distinção e a subordinação propostas esclarecem tudo (SAUSSURE, 2021, p. 63)



O que é LÍNGUA?

LÍNGUA é

(SAUSSURE, 2021, p. 57-8):

- [...] objeto bem **definido** no conjunto heteróclito dos fatos de linguagem. [...] É parte **social** da linguagem, **externa ao indivíduo**, [...] [resulta de] contrato firmado entre os **membros da comunidade**.
- [...] objeto que se pode estudar **separadamente** [i.e. in vitro; ≠ da fala].
- [...] e de natureza **homogênea**: sistema de signos [...] essencial é somente a união de sentido e imagem acústica (SGO/SGTE) - [social (1) x homogêneo (3)];
- [...] é objeto de natureza **concreta** [...] os signos têm **sede no cérebro**, Imagem acústica.

"É essa possibilidade de fixar as coisas relativas à língua que faz que um dicionário e uma gramática possam ser uma representação fiel dela, já que a língua é o depósito das imagens acústicas, e a escrita, a forma tangível dessas imagens. (SAUSSURE, [1916] 2021, p. 58)



O que é LÍNGUA?

[...] é fato /fenômeno de **natureza sociocognitiva**, ou seja, ela existe no cérebro de cada indivíduo, mas também depende das interações sociais para ser ativada e permitir a integração desse indivíduo na herança cultural que é a dele (BAGNO, 2014, p.22)

[...] é um conjunto de representações simbólicas do mundo físico e do mundo mental que:

1. é **compartilhado pelos membros** de uma dada comunidade humana como **recurso comunicativo**;
2. serve para a **interação e integração sociocultural** dos membros dessa comunidade;
3. se organiza **fonomorfo sintaticamente** (sons+palavras+frases) segundo **convenções** firmadas ao longo da **história** dessa comunidade;
4. **coevolui** com os **desenvolvimentos cognitivos e os desenvolvimentos culturais** dessa comunidade, sendo então sempre variável e mutante, um **processo nunca acabado**.
5. se **manifesta concretamente** por meio de um repertório limitado de sons emitidos pelo aparelho fonador de cada indivíduo. (BAGNO, 2014, p.22)

O que é LÍNGUA?

[...] a língua é uma forma de comportamento social [...] ela é usada por seres humanos num contexto social, comunicando suas necessidades, idéias e emoções uns aos outros. (LABOV, [1972] 2008, p. 215)





Por que a **LÍNGUA VARIA?**

*Nada do que foi será
De novo do jeito que já foi um dia
Tudo passa, tudo sempre passará*
(SANTOS, 1983)

<https://www.youtube.com/watch?v=XFa73hlzR-4>

[...] numa língua que serve a uma comunidade complexa (i.e., real) a ausência de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional. (WEINREICH, LABOV, HERZOG, [1968] 2006, p.36)

A língua se organiza primariamente para **cumprir uma função comunicativa e social**. Ao observá-la, nos deparamos com uma **multiplicidade de usos** que a revela como “**objeto complexo** no qual se conectam tanto as **regras do sistema linguístico** como as **regras e fatores sociais** que atuam no **ato de comunicação**” (SILVA-CORVALÁN, 1989, p. 2)



Por que a LÍNGUA VARIA?



[...] a linguagem é inseparável do homem e segue-o em todos os seus atos. [...] O desenvolvimento da linguagem está tão inextricavelmente ligado ao da personalidade de cada indivíduo, da terra natal, da nação, da humanidade, da própria vida, que é possível indagar-se se ela não passa de um simples reflexo ou se ela não é tudo isso [...] (HJELMSLEV, [1943] 1975, p.01).

A classe social a que pertencemos impõe-nos algumas normas de comportamento e as reforça graças à força do exemplo das pessoas com que nos associamos com maior proximidade. Os subelementos da classe social incluem educação, ocupação, tipo de residência e desempenham um papel em determinar as pessoas com quem teremos contatos diários e relacionamentos mais permanentes (CHAMBERS, 2003, p.07).



Por que a LÍNGUA VARIA?

"essa é a situação normal - a heterogeneidade não é apenas comum, ela é o resultado natural de fatores linguísticos fundamentais. [...] a ausência de alternância estilísticas e de sistemas comunicativos multiestratificados é que seria disfuncional. (LABOV, [1972] 2008, p. 238)

Mudança < Variação



“uma mudança linguística começa quando um dos muitos traços característicos da variação na fala se difunde através de um subgrupo específico da comunidade de fala” (Weinreich, Labov, Herzog, [1968] 2006, p.124)



Tem desordem na **VARIAÇÃO?**

[...] se estudamos a linguagem de vários lados simultaneamente, o objeto da linguística nos parece um amontoado confuso de coisas heteróclitas [irregulares] sem vínculo entre si. (SAUSSURE, [1916] 2021, p.52)

casa que x em que nasci

satisfeito x sastifeito

gostá x gostar

a gente x nós

garage x garagem

a gente vamos x vai

encontrei-o x ele

oliar x olhar

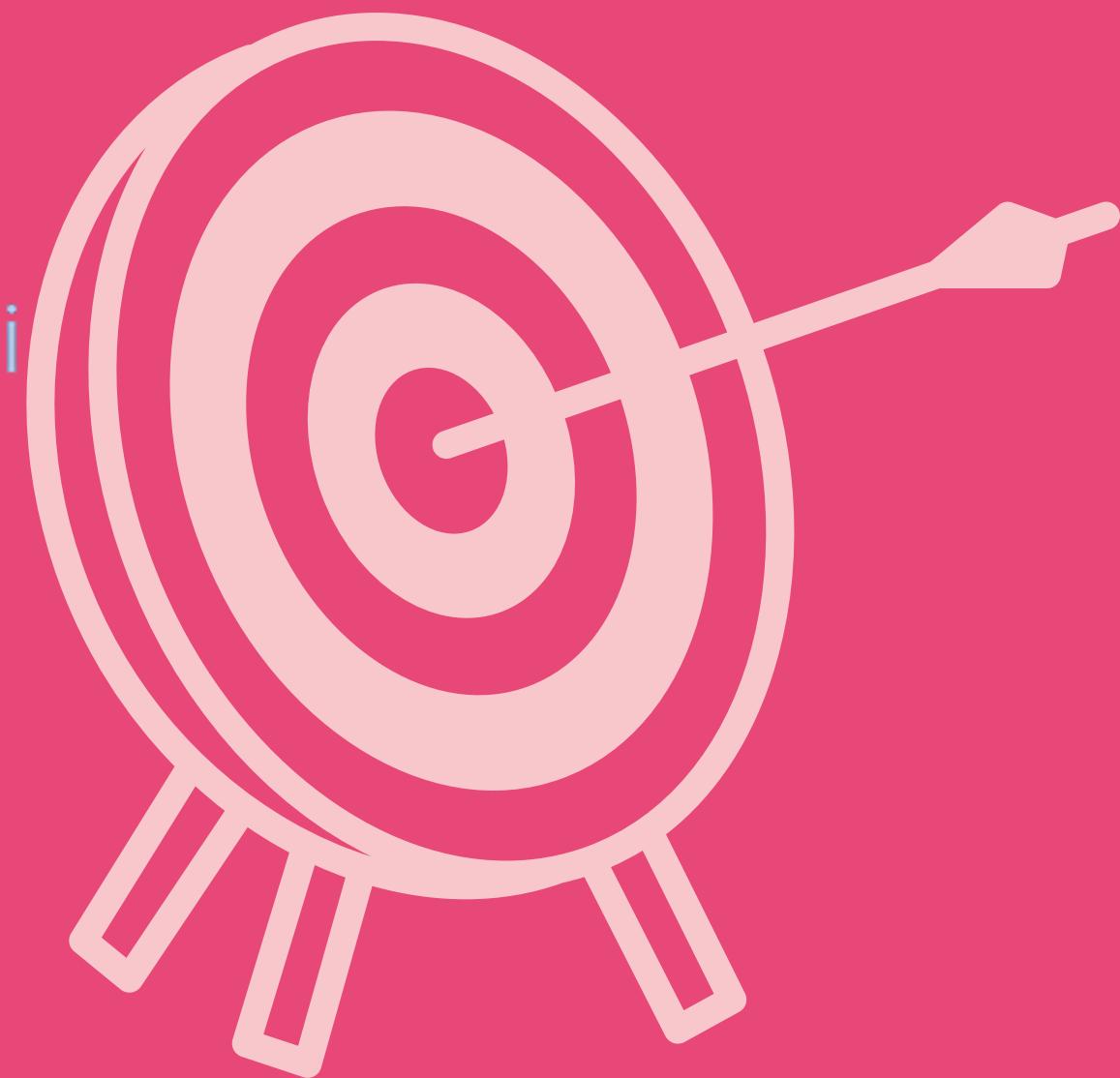
veio x velho

estudano x estudando

pessoal x pessoali

farta x falta

padrim x padrinho



você x tu

fii x filho

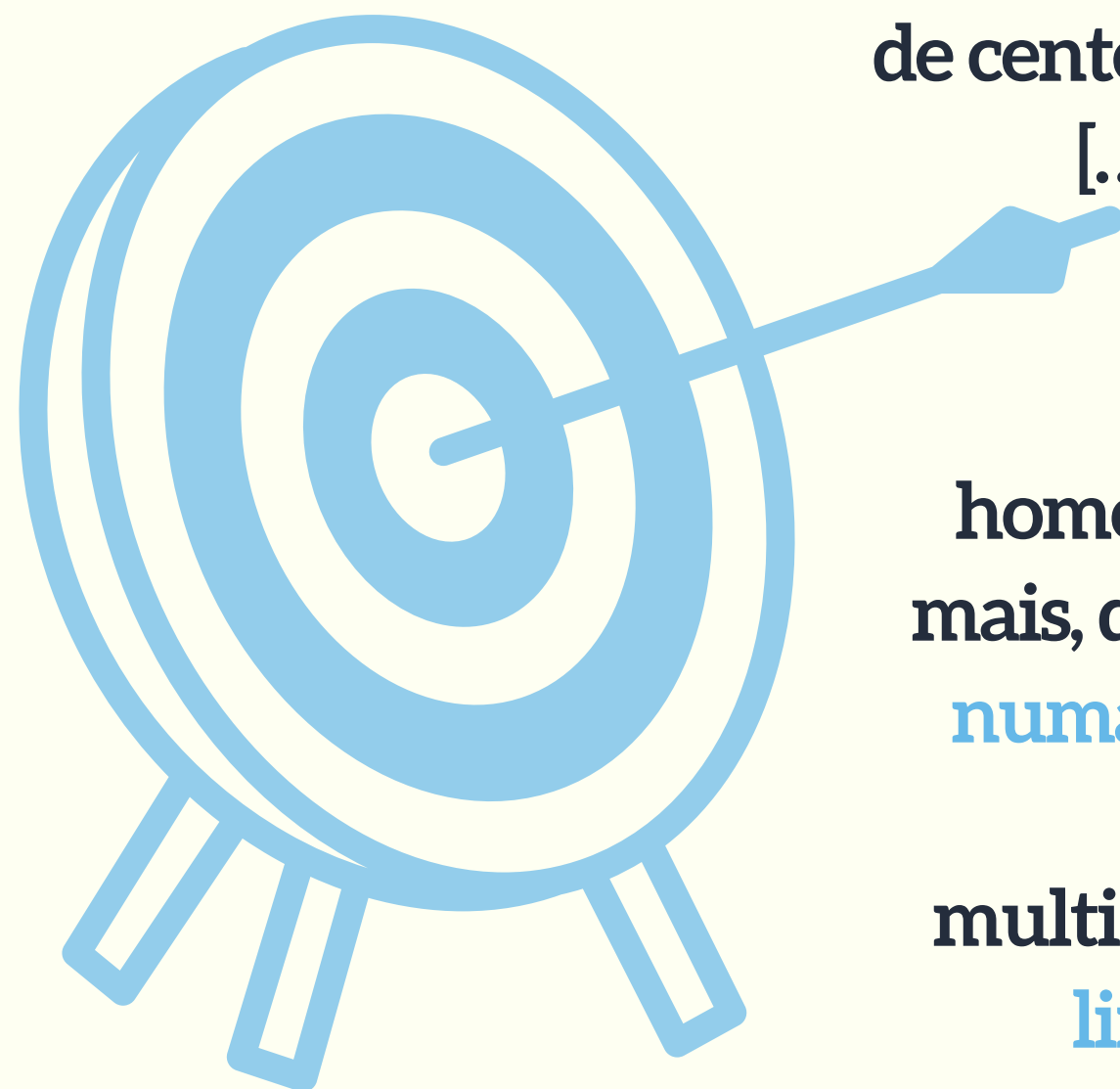


Tem desordem na **VARIAÇÃO?**

[...] essa **variação não [é] de modo algum obscura**: ela não exige a análise estatística de centenas de registros de falantes, como os linguistas tradicionalmente temiam.

[...] os padrões básicos de estratificação por classe, por exemplo, emergem de amostras com apenas 25 falantes. (LABOV, [1972] 2008, p. 238)

[...] rompimento da identificação de estruturalidade [structureness] com homogeneidade. A chave para a concepção racional da mudança linguística - e mais, da própria língua - é a possibilidade de **descrever a diferenciação ordenada numa língua que serve a uma comunidade**. [...] o domínio de um falante nativo [nativelike command] de estruturas heterogêneas não tem a ver com multidialetalismo, nem com o "mero" desempenho, mas é parte da **competência linguística monolingue**. (WEINREICH, LABOV, HERZOG, [1968] 2006, p.36)



Tem desordem na **VARIAÇÃO?**

A simplificação dos grupos consonantais e sufixo de tempo passado (Black English Vernacular)

- *bold* (ousado) > *bol*;
- *find* (achar) > *fin*;
- *fist* (punho) > *fis*,
- *lists* (listas, pl.) > *lisses*
- "passed" [paest] (passado) ;
- "rolled" [rold] (rolado)

Indicadores: distribuição regular pelos grupos socioeconômicos, étnicos e etário (LABOV, [1972] 2008)

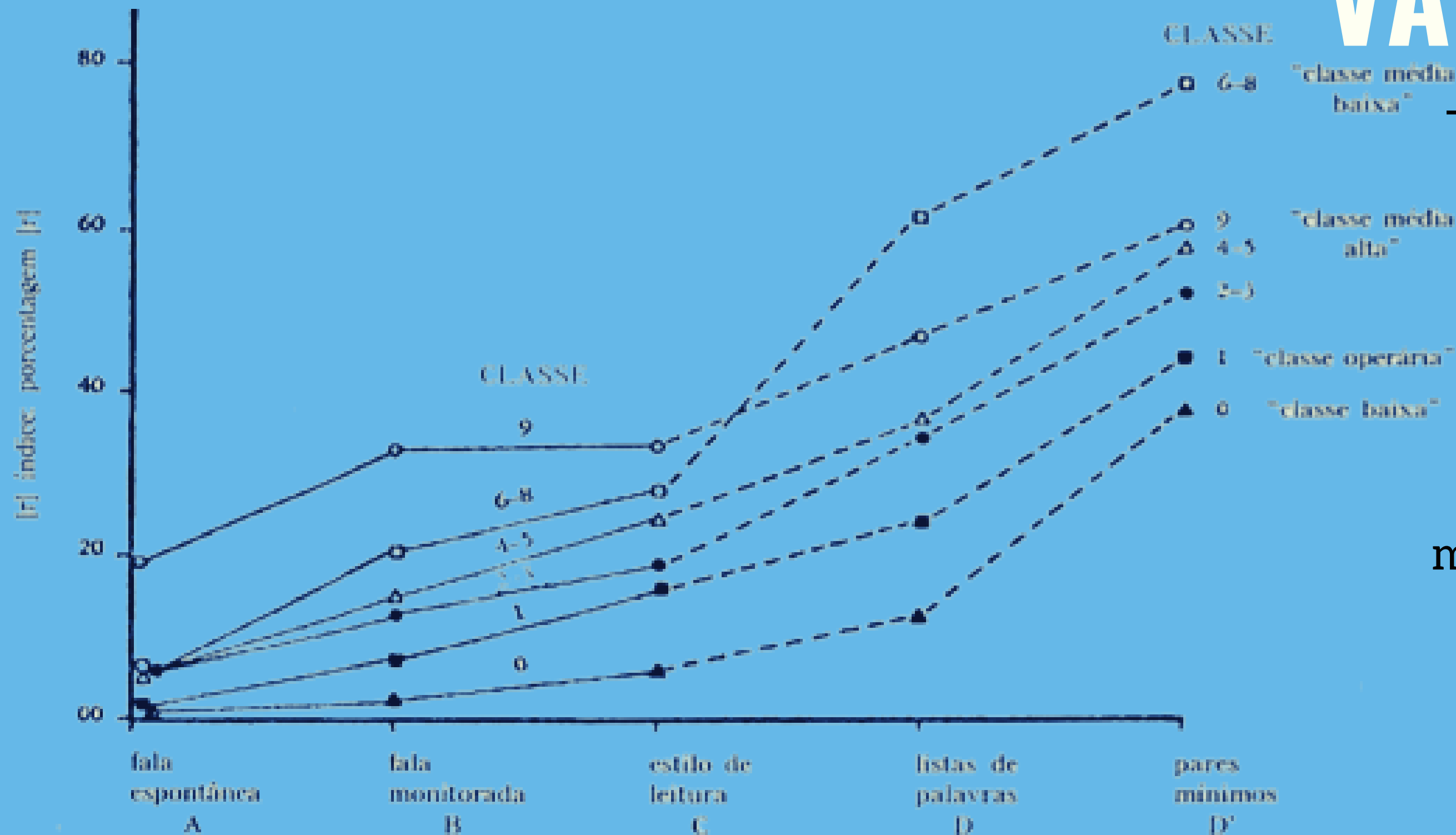
TABELA 8.3
CONDICIONAMENTOS SOBRE O APAGAMENTO DE -l,d NA COMUNIDADE DE FALA NEGRA

Comunidade de fala	% simplificação			
	Grupos consonantais monomorfêmicos		Grupos consonantais do tempo passado	
	__K	__V	__K	__V
NOVA YORK	← contexto fonológico →			
Adultos				
Classe média	60%	28%	19%	04%
Classe operária alta	90	40	19	09
Classe operária baixa	89	40	47	32
Adolescentes				
Thunderbirds (10-13)	91	59	74	24
Aces (10-13)	98	64	85	43
Cobras (12-17)	97	76	73	15
Jets (12-17)	90	49	44	09

Contexto etário

Contexto Social

Tem desordem na VARIACÃO?



- frequência de [r] retroflexo em posição final de sílaba e pré-consonantal (em oposição ao apagamento);

- Falantes adultos de NY.

Classe social x Estilo.

Classe 6-8 (m. baixa) - mostra maior sensibilidade ao fenômeno com abrupto incremento quantitativo.

Marcador: distribuição social e estilística (LABOV, [1972] 2008)

Tem desordem na **VARIAÇÃO?**

-Avaliação de (R) por idade entre falantes adultos de NY.

Estereótipo: consciência social elevada e se torna tópico saliente em qualquer discussão sobre a fala. Não estão relacionados ao comportamento linguístico de modo um-a-um.

(WEINREICH, LABOV, HERZOG, [1968] 2006)






organizando o **ORGANIZADO**

Variação:

(1) Oferecem **meios alternativos de dizer “a mesma coisa”**: ou seja, para cada enunciado em *A* existe um enunciado correspondente em *B* que oferece a **mesma informação referencial** (é sinônimo) e não pode ser diferenciado exceto em termos da significação global que marca o uso de *B* em contraste com *A*.

(2) Estão conjuntamente **disponíveis a todos os membros (adultos) da comunidade de fala**. Alguns falantes podem ser incapazes de produzir enunciados em *A* e *B* com igual competência por causa de algumas restrições em seu conhecimento pessoal, práticas ou privilégios apropriados ao seu status social, mas todos os falantes geralmente têm a capacidade de interpretar enunciados em *A* e *B* e entender a significação da escolha de *A* ou *B* por algum outro falante. (WEINREICH; LABOV; HERZOG; 2006, p. 97)

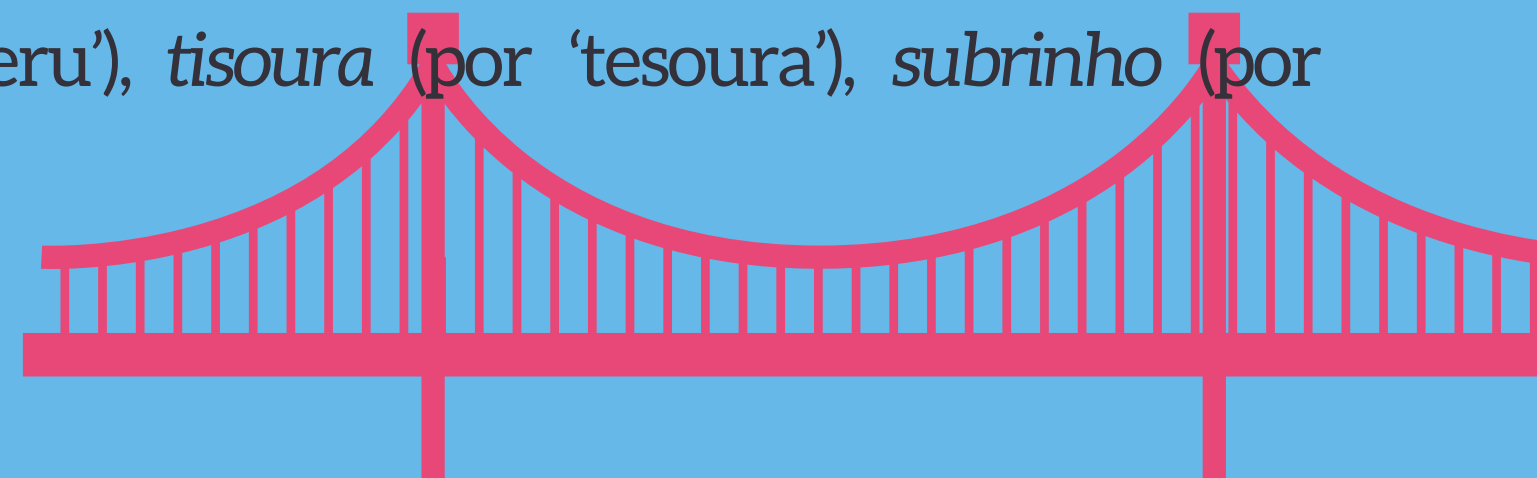




organizando o ORGANIZADO

NÍVEL FONOLÓGICO (COELHO, GÖRSKI, SOUZA, MAY, 2019)

- **Síncope** (supressão de um segmento sonoro): tendência de as proparoxítonas se igualarem às paroxítonas, mais frequentes na língua portuguesa.
 - relampo (por 'relâmpago'), fosfro (por 'fósforo'), abobra (por 'abóbora'), arve (por 'árvore'), figo (por 'fígado') etc. Na passagem do latim para o português, temos *insula* > ilha, *littera* > letra;
- **Monotongaço**: (redução de um ditongo em uma vogal):
 - /ow/ para /o/ - *poco* (por 'pouco'), *ropa* (por 'roupa'), *cenora* (por 'cenoura') etc.;
 - /ey/ para /e/ - *mantega* (por 'manteiga'), *bejo* (por 'beijo'), *brasileiro* (por 'brasileiro') etc.;
 - /ay/ para /a/, - *caxa* (por 'caixa'), *baxo* (por 'baixo') etc.;
- **Alçamento das vogais médias pré-tônicas** (elevação da vogal pré-tônica por influência de uma vogal em sílaba subsequente).
 - *minino* (por 'menino'), *curuja* (por 'coruja'), *piru* (por 'peru'), *tisoura* (por 'tesoura'), *subrinho* (por 'sobrinho') etc.;





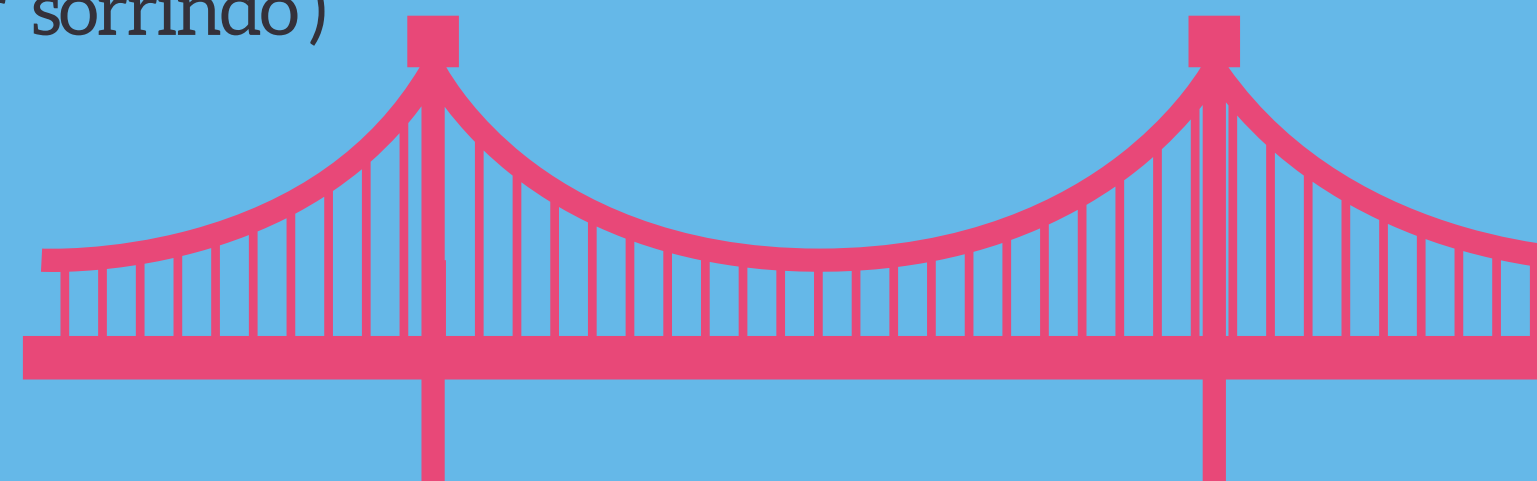
organizando o ORGANIZADO

NÍVEL FONOLÓGICO (COELHO, GÖRSKI, SOUZA, MAY, 2019)

- **Epêntese vocálica** (inclusão de uma vogal entre consoantes):
 - obiter (por 'obter'), pineu ou peneu (por 'pneu'), adivogado ou adevogado (por 'advogado'), rítimo (por 'ritmo') etc.;
- **Rotacismo** (troca da consoante [l] pela consoante [r]):
 - *pranta* (por 'planta'), *Framengo* (por 'Flamengo'), *probrema* (por 'problema'), *bicicreta* (por 'bicicleta') etc.
 - fenômeno estigmatizado, bastante frequente desde trajetória do latim para o português (*duplu* > dobro, *blancu* > branco, *ecclesia* > igreja).

NÍVEL MORFOFONOLÓGICO (COELHO ET AL, 2019)

- **Assimilação** no gerúndio (-ndo): morfema sofre uma redução para "-no", com a queda do fonema /d/.
 - *cantano* (por 'cantando') *correno* (por 'correndo') *sorrino* (por 'sorrindo')
- **Supressão** no infinitivo, perde-se o -r
 - *andá* (por 'andar'), *vendê* (por 'vender'), *parti* (por 'partir');





organizando o **ORGANIZADO**

NÍVEL MORFOSSINTÁTICO (COELHO ET AL, 2019)

- Alternância morfêmica (pron. x verbo)

- na segunda pessoa do singular: tu anda (por tu 'andas'), tu vende (por tu 'vendes'), tu parte (por tu 'partes').
- na terceira pessoa do plural: eles anda (por eles 'andam'), eles vendi (por eles 'vendem'), eles parti (por eles 'partem');

NÍVEL MORFOLÓGICO (COELHO ET AL, 2019)

- Alternância pronominal

- você anda (por 'tu anda(s)') e a gente anda (por 'nós anda(mos)')

NÍVEL SINTÁTICO (COELHO ET AL, 2019)

- Construções relativas:

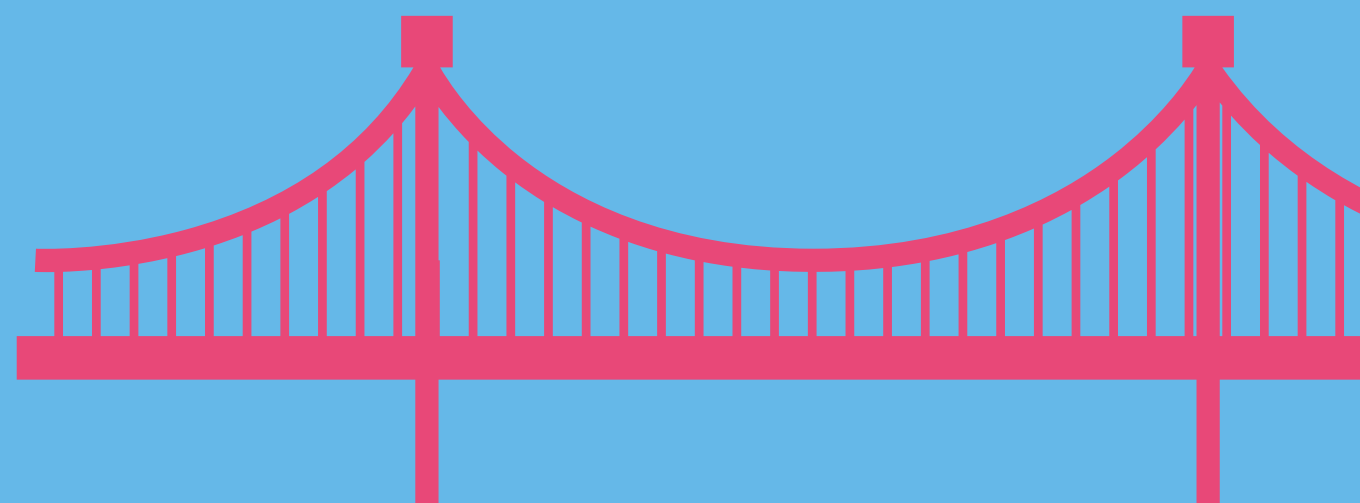
- “O filme a que me referi é muito bom” (padrão) / “O filme que me referi é muito bom” (cortadora) / “O filme que me referi a ele é muito bom” (pronome lembrete).

- Posição do clítico:

- “Eu vi-o no cinema” (ênclise) / “Eu o vi no cinema” (próclise).

- OD anafórico de 3a. pessoa: (LUCCHESI, 2015)

- Eu procurei a Maria na faculdade, mas não a encontrei (clítico - padrão).
- Eu procurei a Maria na faculdade, mas não encontrei **X** (pronome nulo).
- Eu procurei a Maria na faculdade, mas não encontrei **ela** (pronome reto).



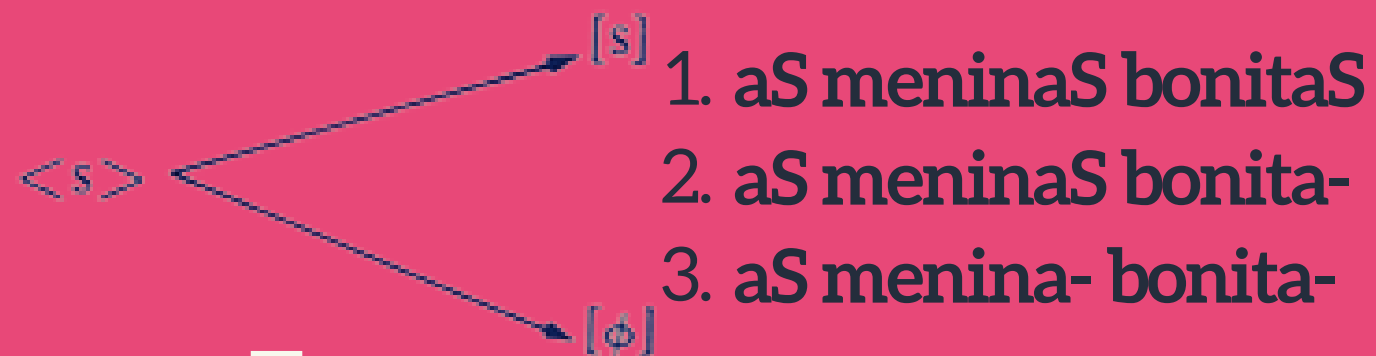
organizando o ORGANIZADO

Variante: formas linguísticas em variação, as "diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com um mesmo valor de verdade" (TARALLO, 1986, p. 8).

Variável: conjunto de variantes que compartilham um único referente.

Envelope da variação: descrição detalhada das variantes

Encaixamento linguístico: motivação das hipóteses, dos grupos de fatores



- Grupo 1:** O contexto fonológico posterior
 - C (= consoante)
 - V (= vogal)
- Grupo 2:** A posição da variável no SN
 - 1 (= primeira posição)
 - 2 (= segunda posição)
 - 3 (= terceira posição)
- Grupo 3:** A classe morfológica da palavra contendo a variável
 - D (= determinante)
 - N (= nome)
 - A (= adjetivo)
- Grupo 4:** O estatuto morfológico da palavra que contém a variável
 - M (= monomorfêmico)
 - B (= bimorfêmico)



organizando o ORGANIZADO

CONDICIONADORES:

[...] a variação linguística não é caótica; pelo contrário, é ordenada e pode ser descrita criteriosamente a partir de condicionadores. Focalizamos aqui os condicionadores linguísticos, que atuam como forças dentro da língua. [...] cada fenômeno variável funciona em conformidade com certos condicionadores, que podem ser diferentes em cada caso. [...] assim como os fenômenos linguísticos podem estar em variação em diferentes níveis gramaticais, também os condicionantes atuam em diferentes níveis da língua. Cabe ao pesquisador sociolinguista descobrir as "regras de cada jogo".

(COELHO et al, 2019, p. 37)

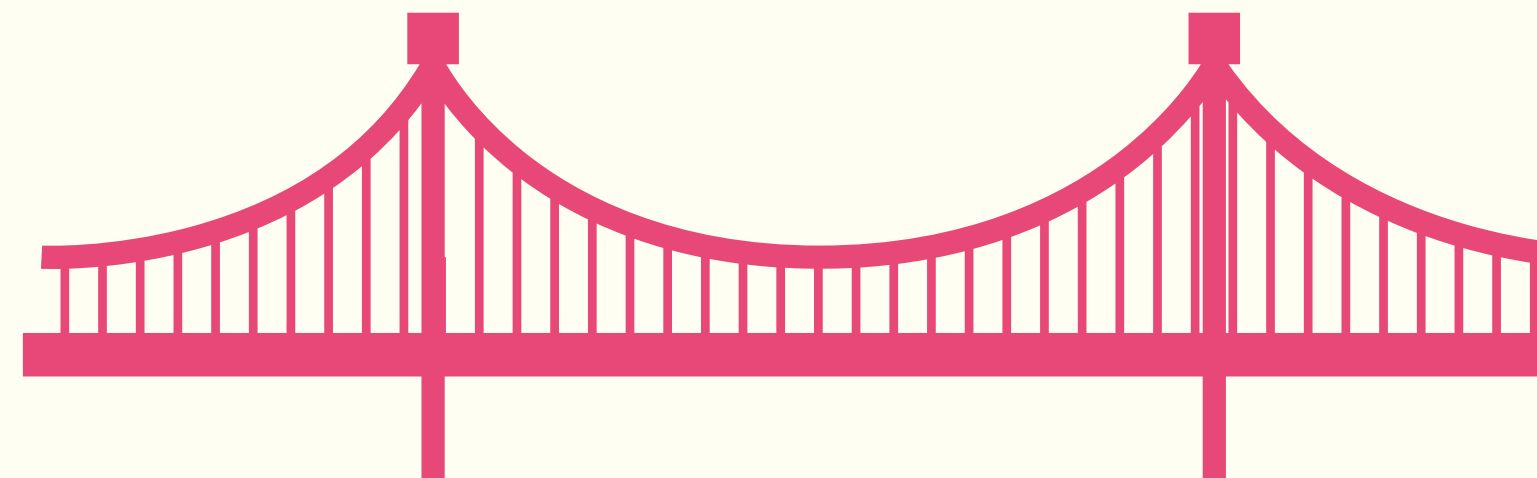




organizando o **ORGANIZADO**

A língua é, por excelência, uma **instituição social** e, portanto, ao se proceder a seu estudo, é indispensável que se levem em conta **variáveis extralinguísticas** - socioeconômicas e históricas - que lhe **condicionam** a evolução e explicam, em parte, sua dialeção regional (horizontal) e social (vertical). (BORTONI-RICARDO, 2005, p.31)

Na dimensão externa da variação, vamos estudar também os **condicionadores extralinguísticos** - aqueles que [...] encontram-se **fora da estrutura da língua**. [...] Para a Sociolinguística, os fatores extralinguísticos são tão importantes quando os linguísticos.
(COELHO et al, 2019, p. 37)



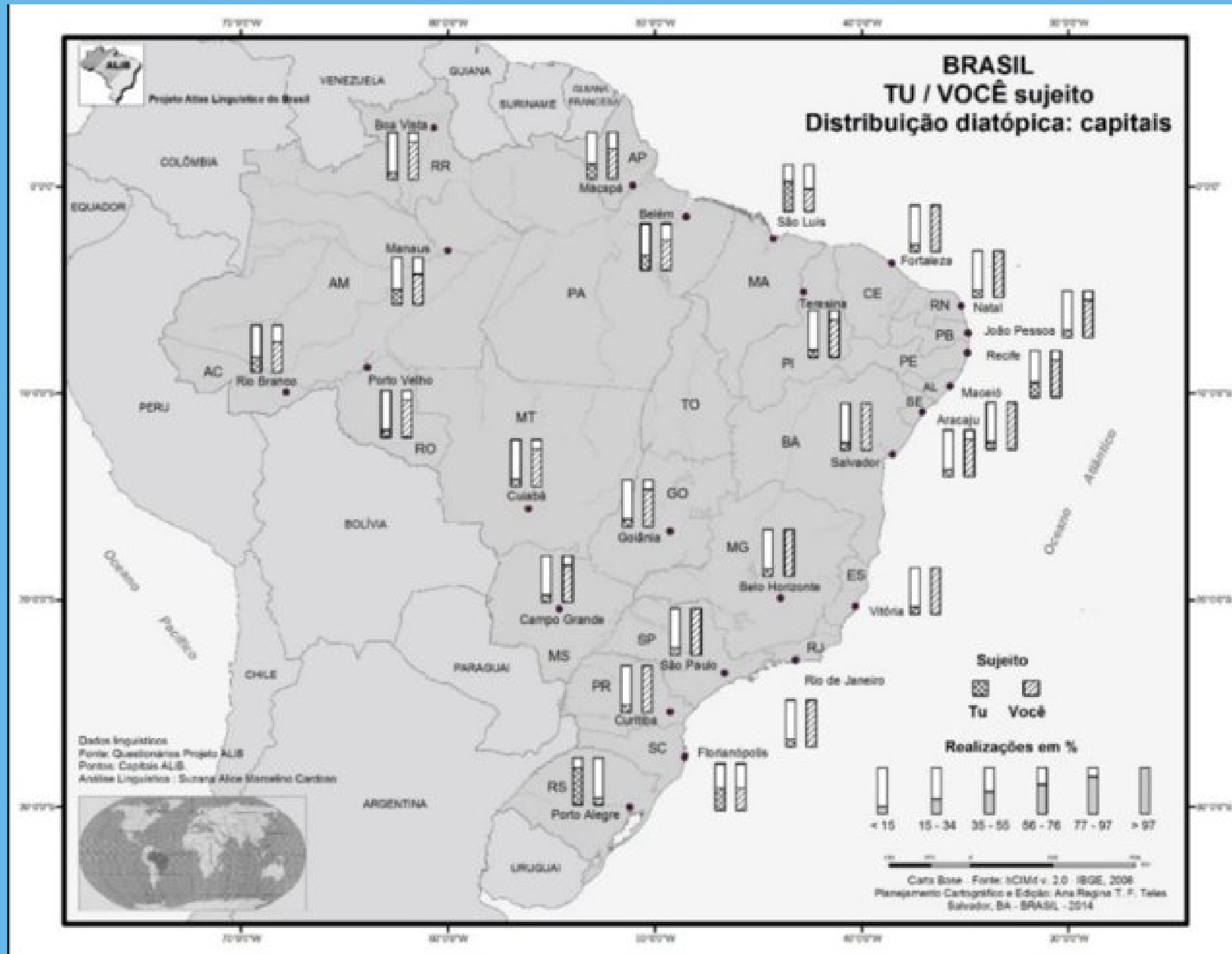
Variação DIATÓPICA

- **Pronúncia das vogais /e/ e /o/ pré-tonicas:**
 - peteca, moderno (sul/sudeste)
 - pEteca, mOderno (nordeste)
- **Pronúncia do fonema /r/ em final de sílaba (coda silábica) - porta; amor,**
 - retroflexo (r caipira) - interior de SP;
 - tepe : capital de SP
 - fricativa velar /x/ - nordeste
 - fricativa glotal /h/ - RJ
- **palatalização da oclusiva dental /t, d/ diante de /i/:**
 - tia x tSia; dia x dSia;
 - Recife (7%); Porto Alegre (40%); São Paulo (73%); Salvador (85%); Rio de Janeiro (100%)

organizando o
ORGANIZADO



Variacão DIATÓPICA

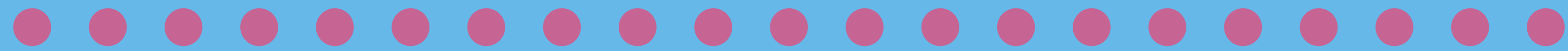
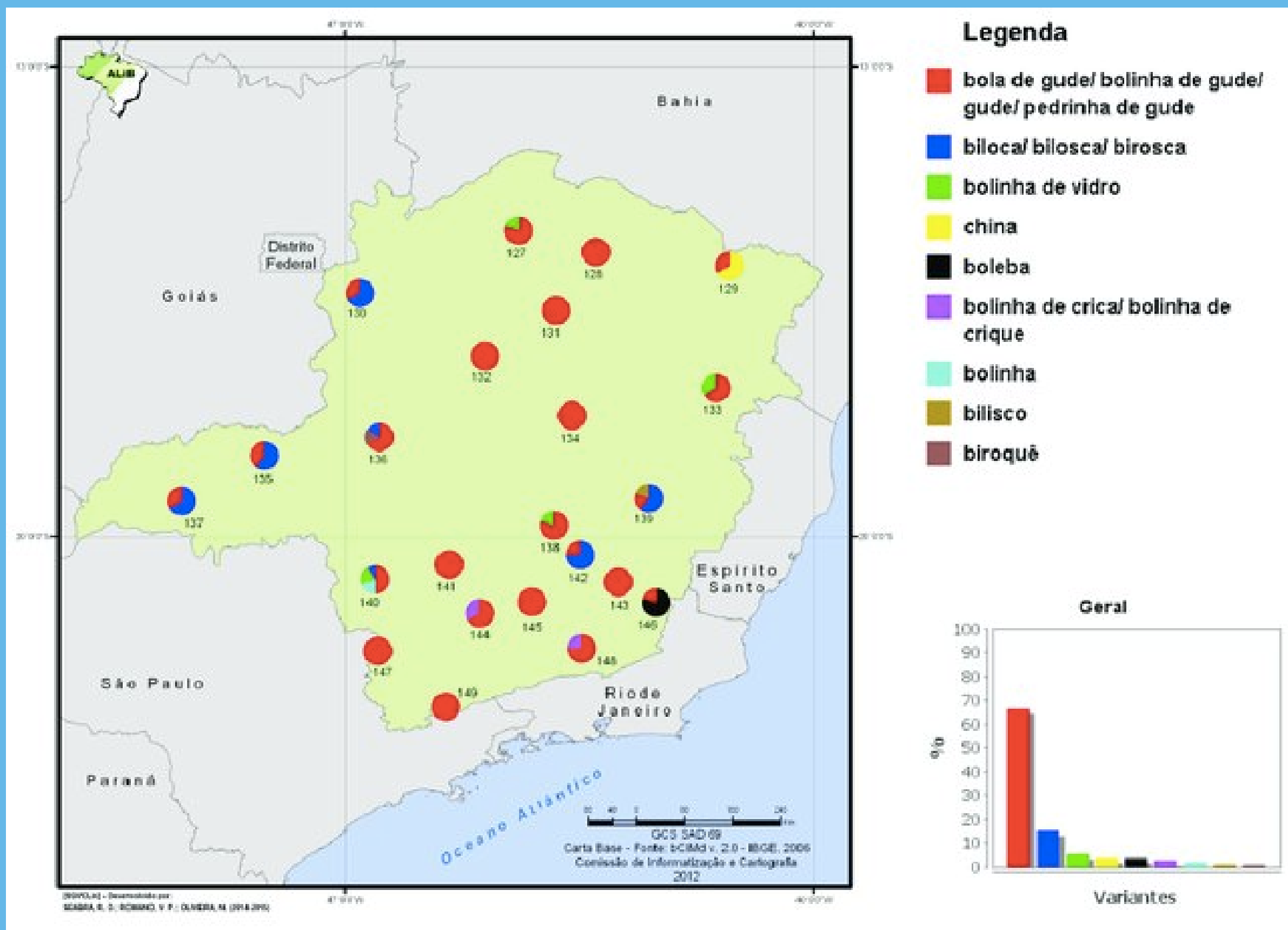


organizando o
ORGANIZADO



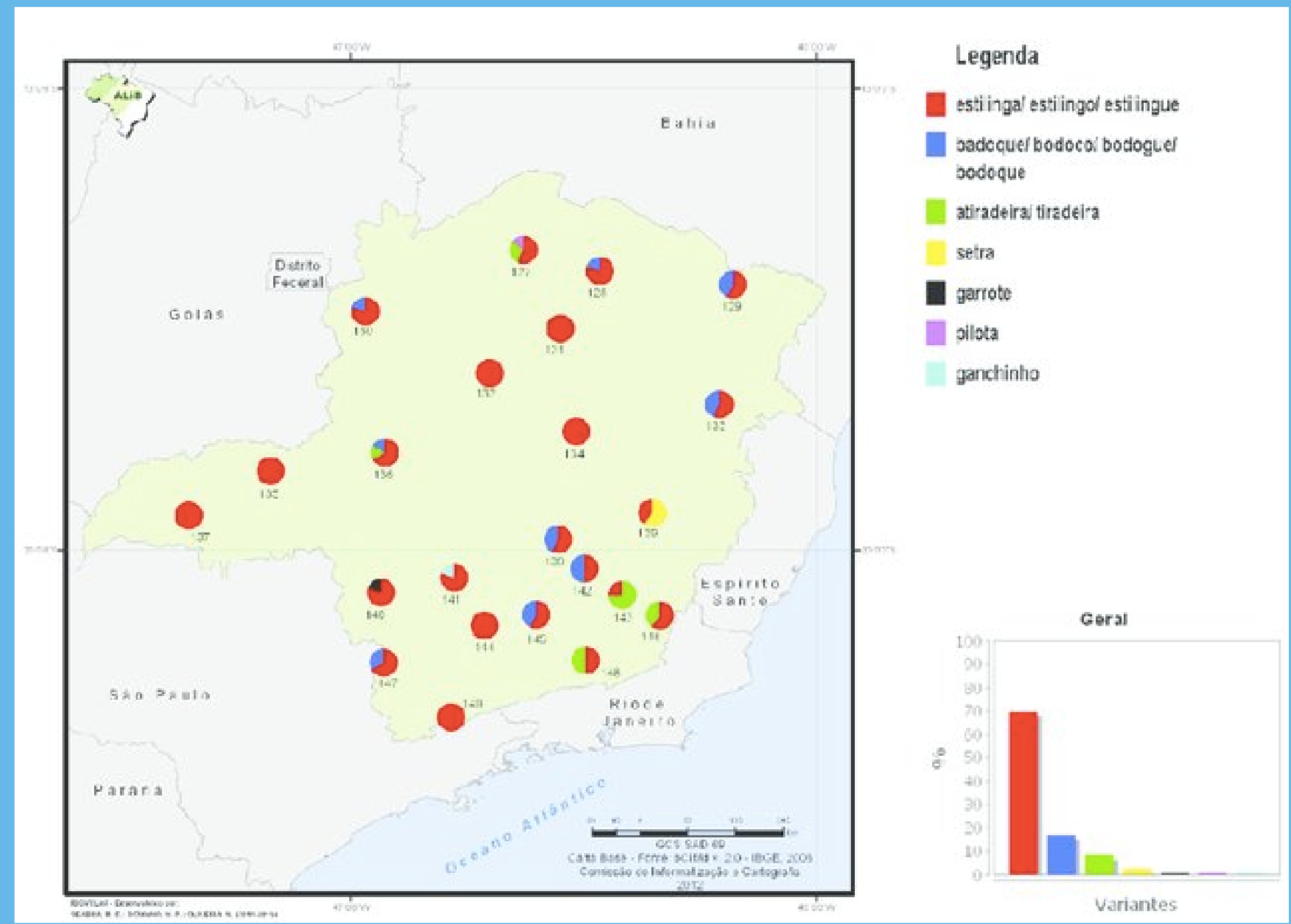
Variação DIATÓPICA

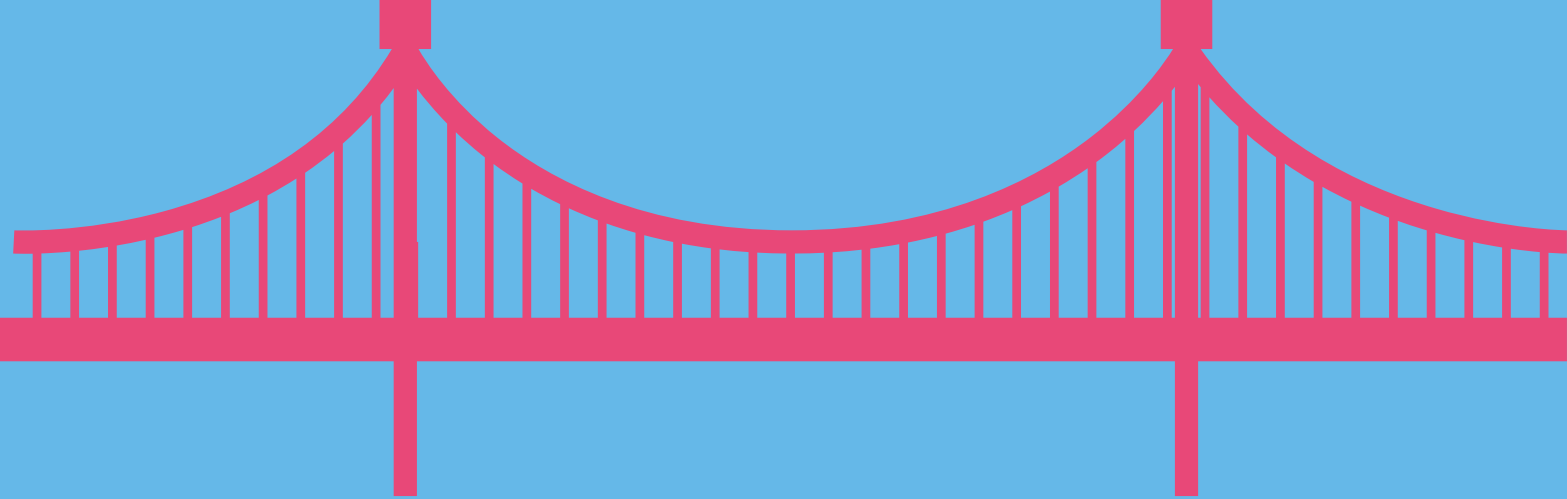
organizando o ORGANIZADO



Variação DIATÓPICA

organizando o ORGANIZADO





Variação DIATÓPICA

A variação geográfica é, muitas vezes, bastante **saliente** aos nossos ouvidos. Podemos dizer que a fala, assim como a vestimenta e outros hábitos culturais, são elementos importantes na **identificação do povo** de determinado lugar. Por esse motivo, é natural que encontremos, no campo das artes cênicas, atores que, para dar maior veracidade à sua interpretação, durante a atuação incorporam à sua fala marcas linguísticas do suposto lugar de origem de seu personagem.

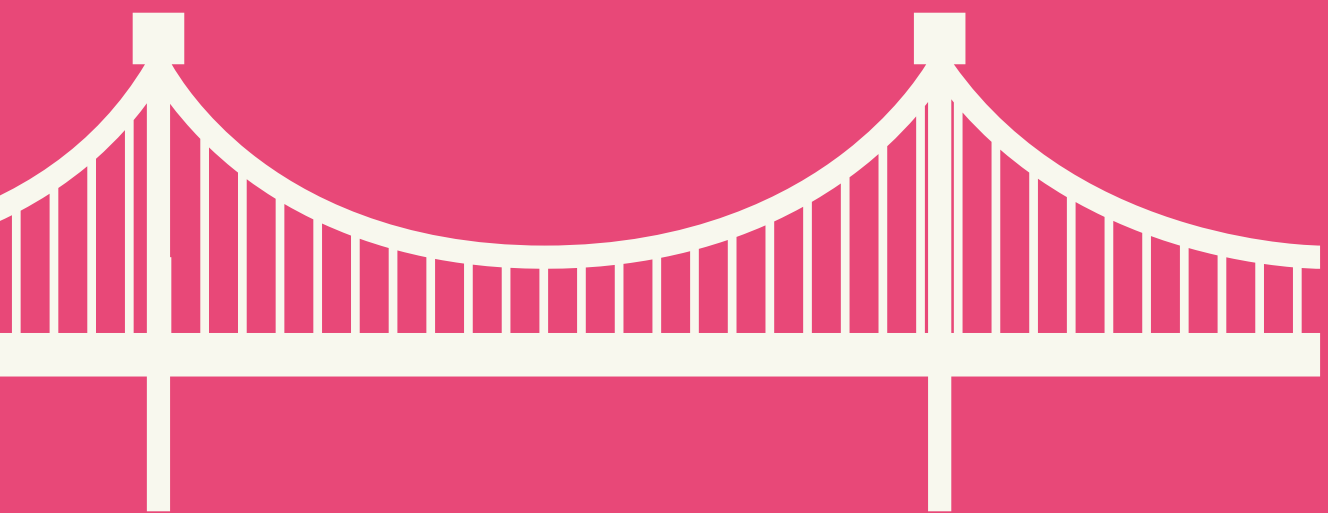
[...]

É necessário, no entanto, olhar essas caracterizações com alguma **ressalva**: em certos casos, a construção de um personagem como uma caricatura regional pode servir para reforçar estereótipo negativo sobre as pessoas de determinada região, como o do "nordestino preguiçoso", o do "caipira ignorante" etc.

(COELHO et al, 2019, p. 39)

organizando o
ORGANIZADO





Variacão DIASTRÁTICA Escolaridade

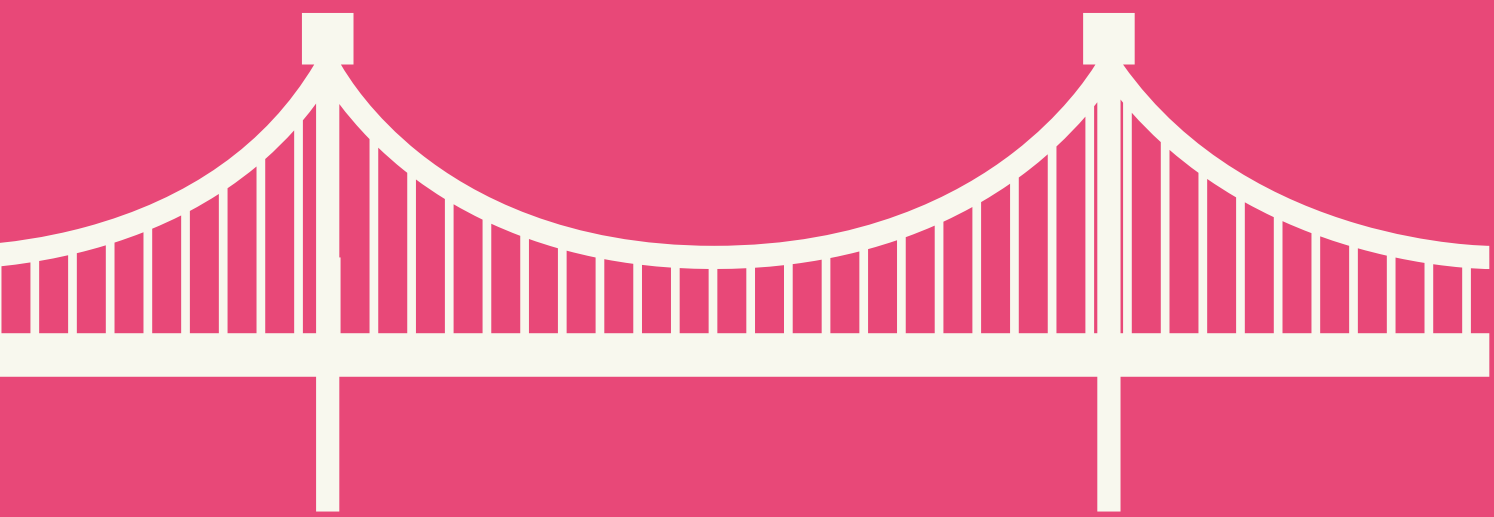
Por terem um contato maior com a cultura letrada e com o uso das variedades cultas da língua supõem-se que, em geral, falantes altamente escolarizados dificilmente produzirão formas como "nós vai" ou "a gente vamos", que são tpicas de falantes pouco ou não escolarizados. É mais provável que eles falem "nós vamos" e "a gente vai" (COELHO et al, 2019, p.41)

"concordância nominal de número, na fala Carioca" (Marta Scherre, em 1996)

- 4 anos de escolaridade - 40% de formas com concordância
 - 8 anos de escolaridade - 57% de formas com concordância
 - 11 anos de escolaridade - 73% de formas com concordância
- ndices de concordância nominal padrão cresce conforme aumentam os anos de escolarizao dos falantes.



organizando o
ORGANIZADO



Varição DIASTRÁTICA

Nível sócioeconômico

"[...] o grupo social menos privilegiado favorece o uso de variantes não padrão da língua, enquanto os mais privilegiados optam pela variante padrão. Mas essa constatação, em geral, é também correlacionada com a ocupação dos falantes e com uma diferenciação estilística. [...] origem social, renda, acesso a bens materiais e culturais e ocupação são alguns dos indicadores sociais" (COELHO et al, 2019, p.41/2)

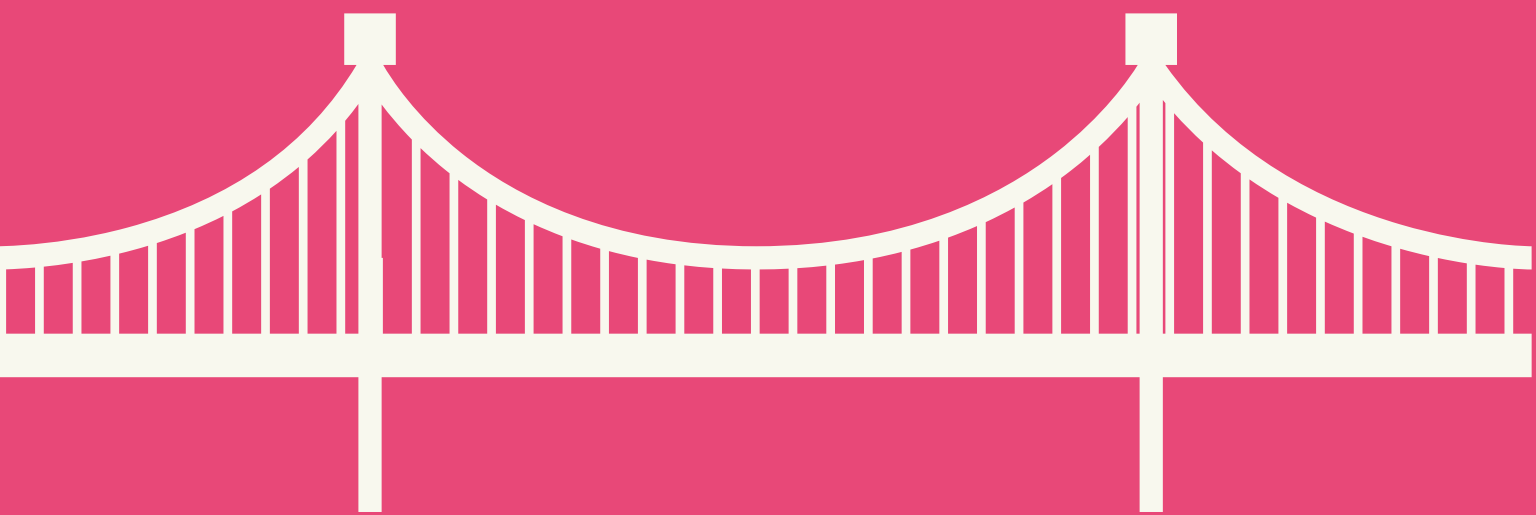
"Concordância verbal com o pronome de P2 "tu" em Pelotas" (Luis Amaral, em 2003)

- "tu falas" vs. "tu fala" // "tu falaste" vs. "tu falou".
- Fatores controlados: ocupação/profissão; renda/patrimônio, escolaridade.
 - classe média alta: 12% seguem a norma-padrão;
 - classe média baixa: 7% seguem a norma-padrão;
 - classe baixa: 4% seguem a norma-padrão;

"falantes de classe mais alta fizeram concordância mais vezes do que os de classe mais baixa" (p.43)



**organizando o
ORGANIZADO**



Varição DIASTRÁTICA Sexo/Gênero

[...] "mulheres são mais conservadoras do que os homens: em geral, elas preferem [?] usar variantes valorizadas socialmente."

- o comportamento conservador é muitas vezes espelho da história particular e das histórias culturais das diferentes regiões.
- "os papéis femininos e masculino, nas diversas sociedades, estão, a todo momento, sofrendo transformações" (COELHO et al, 2019, p. 44)

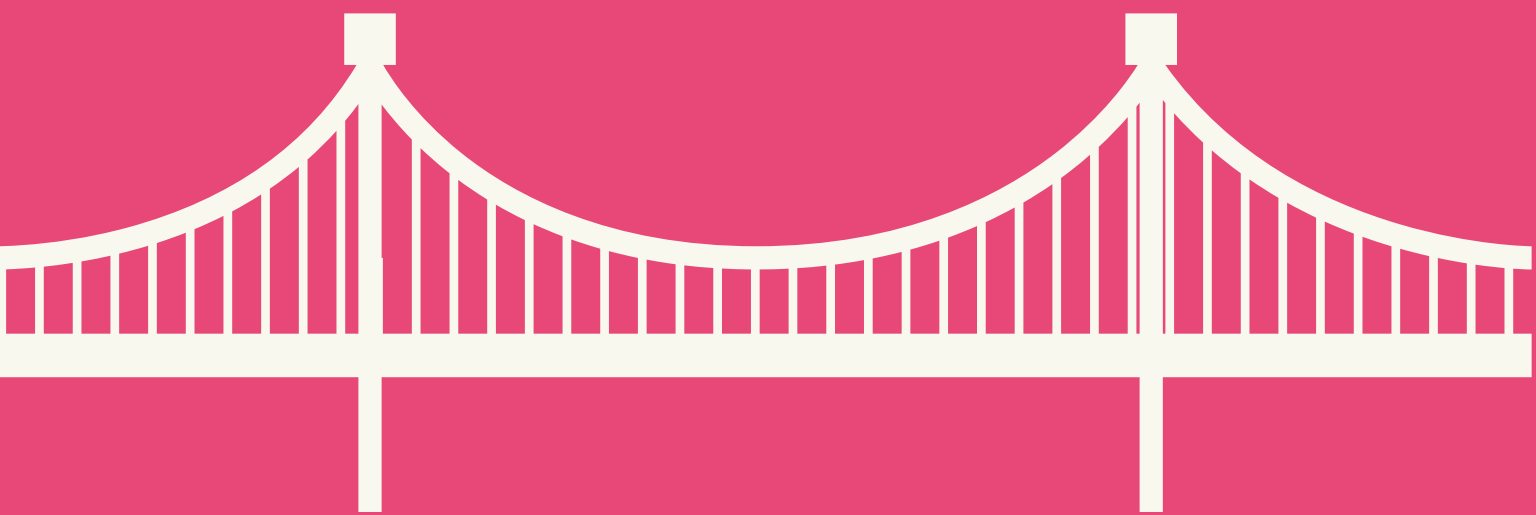
"concordância nominal de número, na fala Carioca" (Marta Scherre, em 1996).

- Mulheres: 65% de concordância nominal padrão.
- Homens: 46 % de concordância nominal padrão.
 - Mulheres se mostram mais conservadoras.

"na periferia das grandes cidades brasileiras: "são os homens que lideram a mudança em direção às formas de prestígio [...]. os homens, que, em média, estão, mais bem inseridos no mercado de trabalho e circulam mais para fora da comunidade, tendem a assimilar primeiro as formas do padrão urbano de prestígio, abandonando mais rapidamente o uso das formas desviantes da linguagem rural e popular" (LUCCHESI, 2015, p. 58)



organizando o
ORGANIZADO



Variação DIASTRÁTICA

Faixa etária

[...] entra em jogo a questão da mudança linguística" (COELHO et al, 2019, p. 44)

Estudo do tempo aparente:

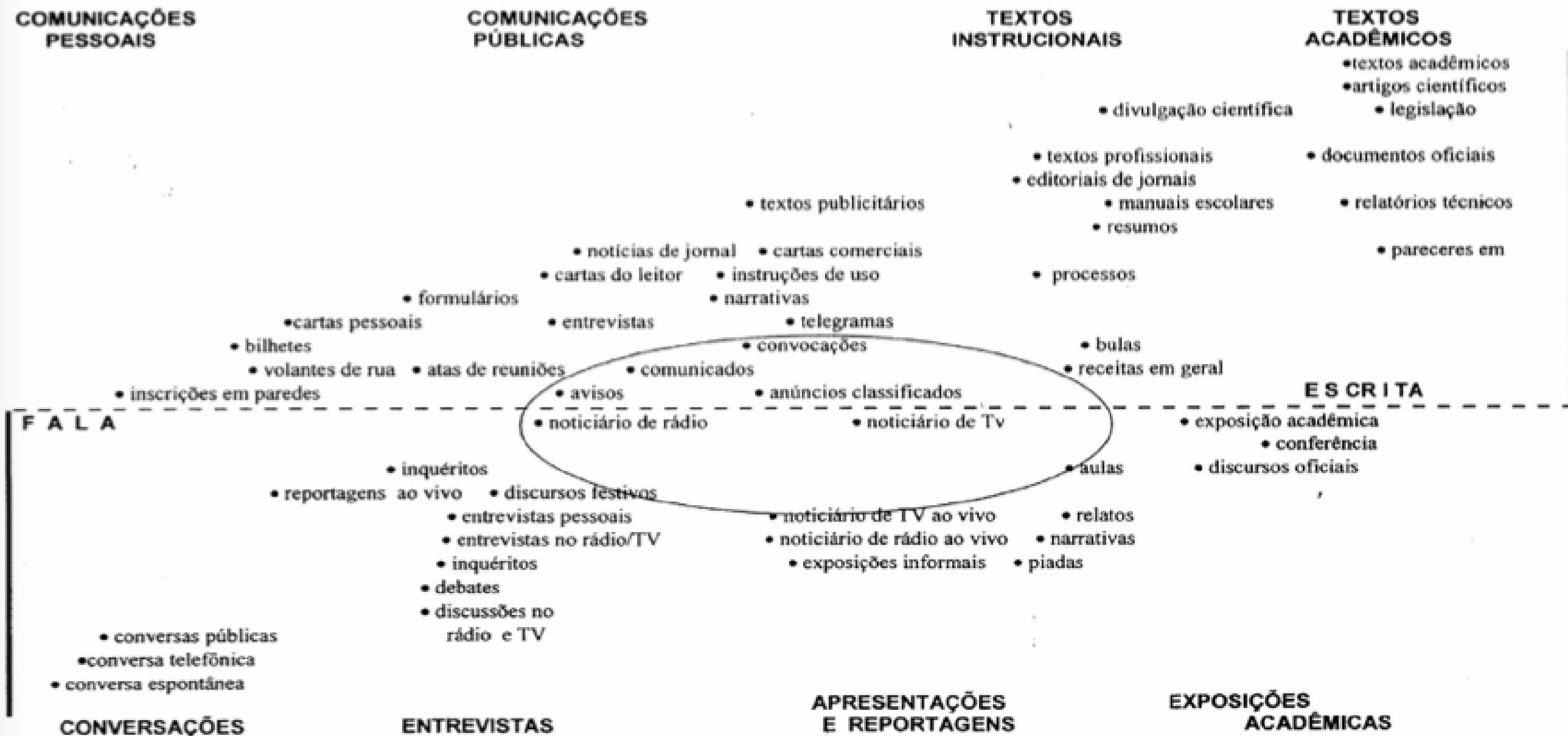
- **palatalização da oclusiva dental /t, d/ diante de /i/ em Florianópolis** (Emilio Pagotto, 2001)
 - não africada: tia + conservador
 - africada não palatal: [ts]ia - inovador
 - africada palatal: [tʃ]ia; - + inovador
 - **Variante [tʃ]:**
 - 15 a 23 anos - 42%
 - 25 a 50 anos - 66%
 - + de 50 anos - 69%
 - mais velhos preferem a forma mais conservadora.



organizando o
ORGANIZADO

Variacão DIAMÉSICA

DISTRIBUIÇÃO DOS TEXTOS DE USO FALADOS E ESCRITOS NO CONTÍNUO GENÉRICO

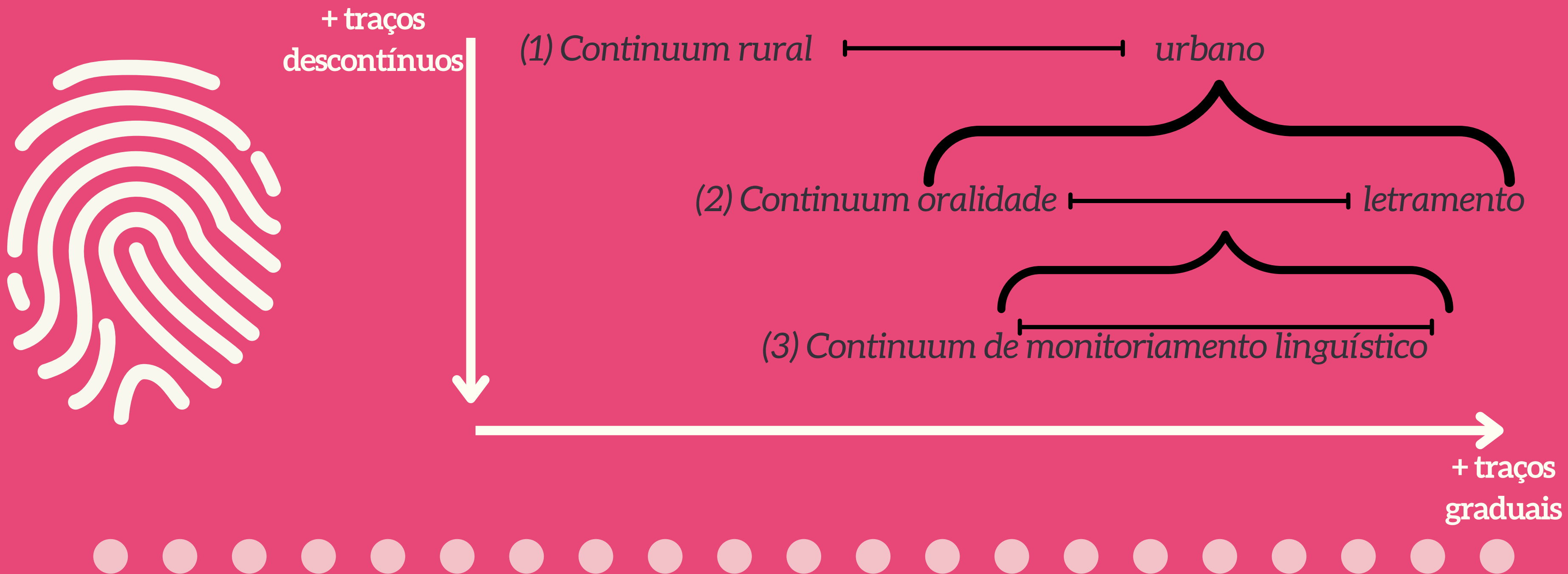


existem diferenças entre o meio falado e o meio escrito.

organizando o
ORGANIZADO

análise da VARIACÃO

Continua para entender a situação sociolinguística do português brasileiro (BORTONI-RICARDO, 2015, p. 40)



análise da VARIACÃO

Postulo ao longo do continuum rural-urbano, a existência de dois tipos de regras variáveis: regras que definem uma estratificação "descontínua" e que caracterizam as variedades regionais e sociais e mais isoladas, recebendo maior grau de estigmatização na sociedade urbana hegemônica, e regras graduais, que definem uma estratificação contínua e estão presentes no repertório de praticamente todos os brasileiros, dependendo apenas do grau de formalidade que eles conferem à própria fala. (BORTONI-RICARDO, 2005, p.40)

Nível Fônico:

- **Graduais:** despalatalização ("oliar" por "olhar"); monotongação ("fera" por "feira"); desnazalização ("garage" por "garagem"); assimilação ("estudano" por "estudando"); queda de /r/ final de verbos ("gostá" por "gostar").
- **Descontínuos:** semivocalização do /lh/ ("veio" por "velho"); epítese de /i/ após sílaba travada ("pessoali" por "pessoal"); rotacismo ("farta" por falta); monotongação de ditongo nasal ("muntu" por "muito"); supressão se segmentos finais ("vei" por "veio", "padrim" por "padrinho"); metátese ("sastifieito" por "satisfeito").



análise da VARIACÃO

Nível Morfossintático:

- **Graduais:** realização do sujeito pronominal (x ausência); emprego de "a gente" como pronome pessoal de 1.p.p.; emprego das relativas cortadoras (na casa que eu nasci x relativa padrão); uso de "ele" como acusativo ("não encontrei ele ontem" x oblíquo padrão);
- **Descontínuos:**
 - **privativos à norma culta:** clítico acusativo ("encontrei-o ontem") e relativa padrão ("na casa em que nasci").
 - **privativos à norma popular:** falta de flexão com pronomes de primeira pessoa ("encontrou eu na feira", "viu nós na roça"), emprego das relativas com pronome lembrete (na casa que eu nasci nela).

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade. Algumas conferem prestígio ao falante, aumentando-lhe a credibilidade e o poder de persuasão; outras contribuem para formar-lhe uma imagem negativa, diminuindo-lhe as oportunidades. [...]. O caminho para uma democracia é a distribuição justa de bens culturais, entre os quais a língua é o mais importante.

(BORTONI-RICARDO, 2005, p.15)



análise da VARIACÃO



Episódio nº 1

Evento: Entrevista sociolinguística com um carpinteiro de 54 anos, de antecedentes rurais, proveniente de Minas Gerais e radicado na periferia de Brasília.

Estilo: semimonitorado

Evento de oralidade

“De uns tempo pra cá, ninguém qué roça mais. Num certo ponto eu dô razão, eu mesmo fui um desses que saí da roça por causa disso, né? Que eu não tinha terreno de meu, morava dependente de oto, de fazendero. Fazenderos não dão cuié de chá mesmo, né? Tem que plantá, planta, tem que parti à meia, ota hora à terça, né?” (Bortoni-Ricardo, 1985: 99).

Episódio nº 2

Evento: Entrevista sociolinguística com uma dona de casa de 59 anos, de antecedentes rurais, proveniente de Minas Gerais e radicada na periferia de Brasília

Estilo: semimonitorado

Evento de oralidade

“O qu’eu tô comprendenu de poco tempo pra cá é negoçu de reporti. Qu’eu cumpanho nutiça, reporti de rádio e televisão, que agora qu’eu tô aprendenu, nunca tinha usado nem televisão, que a gente morava na roça, e mesmo aqui né, mesmo aqui, é de pocos tempo pra cá que os menino deu conta de comprá um rádio” (Bortoni-Ricardo, 1985: 225).



análise da VARIACÃO



Episódio nº 3

Evento: Entrevista sociolinguística com trabalhador piauiense, produtor artesanal de farinha de mandioca.

Estilo: semimonitorado

Evento de oralidade

“Aqui nós trabaivava (aponta o quintal). Quandi chegemu pra qui inventemu aqui um aviamento pra fazê farinha... Aí ... nós fazia farinha e vendia farinha mermu puraqui /.../ a goma fazia beju. Eu carregava cu'a cesta de beju pelo mercado (acena, mostrando a cabeça) ... Num instante a gente fazia um horrô de beju. Levava e eu vendia por aqui pela rua e ur'mininu levava otro bucado lá pro mercado e vendia e quandi acabava us meu puraqui pela rua, ia lá (mostra o quintal), paivava um bucado e tacava de novu” (Farias, 1999).



análise da VARIACÃO



Episódio nº 4

Evento: Reunião em associação de moradores em um bairro proletário em Teresina, PI

Antecedentes dos interagentes: 'rurbanos'

Estilo: monitorado nas preleções e não monitorado nos comentários paralelos.

Evento de oralidade

“Presidente: Bem gente, tratano da distribuição das fossa, primero que quero avisar que nós recebemos só cinquenta fossa, mais vamo recebê mais. Antão, nós tamo propono dois critero pa distribuição: o primero é que só vai recebê aquelas pessoa que tá mermo precisando de u'a fossa e segundo é a orde de inscrição nessa lista que nós fizemo. O que que vocês acha?

Associado: (Dirigindo-se ao Presidente) Eu só num acho justo porque eu só sube da lista há poqui'os dia.

Associada: (Dirigindo-se a uma amiga) Eu num disse muié qu'eu ia sobrá?” (Lima, 1996: 112-113).

Episódio nº 5

Evento: Reunião em associação de moradores em um bairro proletário em Teresina, PI

Antecedentes dos interagentes: 'rurbanos'

Estilo: monitorado nas preleções e não monitorado nos comentários paralelos

Evento de oralidade

“Presidente: Pra vocês tê toda informação é preciso participá das reunião... É muito bom a gente só recramá.

Vice-Presidente: Mi'a gente, sabe por que isso acontece, é porque vocês do Parque Alvorada num sabe se mexê. Só vem aqui na reunião



análise da VARIACÃO



Episódio nº 6

Evento: Leilão em um palco montado no adro da igreja de um bairro proletário em Teresina, PI

Antecedente do falante: urbano

Estilo: monitorado

Evento de oralidade

“Leiloeiro: Atenção, atenção, meus amigos! Iniciamos agora o grande leilão de São Francisco, da noitada dos casais, e esperamos contar com a participação de todos. /.../ Meus amigos, vejam que beleza! Um pudim! Tá uma maravilha! Quem dá mais? Cinco reais? Sete? Sete!? Opa, sete e meio. /.../ Agora um frango assado! Parece mais um peru, olhem o tamanho!! Que maravilha! Começando com dez mil cruzeiros reais... onze ! Doze mil! ... Treze /.../ catorze mil. Quem dá mais? Haja quem dê mais? Tô batendo e vou bater!! Eu grito uma! Duas! Duas e meia! E... três! E o nome do freguês” (Lima, 1996: 93).



análise da VARIACÃO



Episódio nº 7

Evento: Reunião de colegiado em uma faculdade da Universidade de Brasília

Antecedente do falante: urbano

Estilo: monitorado

Evento de oralidade^b

“Professor: /.../ o risco muito grave é de se ferir frontalmente o princípio de Arquimedes (++++) dois corpos ou dois titulares ou duas pessoas não podem ocupar ah:: (+) ao mesmo tempo o mesmo lugar no espaço (+) ou o mesmo cargo na administração pública ENTÃO na verdade (+) lógico (+) ninguém tem o dom da da ubiquidade (+) não é? e conseqüentemente (+) em termos de aposentados isto não se aplica de FORMA NENHUMA (+) mas é como a história do macaco/ (+) até (+) o macaco tava correndo porque até provar-se que ele não era elefante (+) ele tava liquidado (+) tavam degolando tudo quanto era elefante na selva (++++) ele começou a correr (+) então agarraram o macaco (+) Macaco (+) por que que cê tá correnu? (+) rapaz (+) é que tão degolando tudo quanto é elefante (+) (narrativa enunciada em ritmo acelerado) (risos sobrepostos à fala) não (+) é verdade (+) mas (+) mas (+) (+) você não é elefante! Você é macaco (+) ah:: (+) então prove isso (+) (risos) cê tá louco! /.../” (Oliveira, 1997).



análise da VARIACÃO



Episódio nº 8

Evento: Entrevista sociolinguística com menino de rua de Goiânia, GO

Antecedentes da pesquisadora: urbano

Antecedentes do menino: 'rurbano'

Estilo: semimonitorado

Evento de oralidade

“Pesquisadora: Você quer contar como os policiais mataram o Adatao?

Menino: Nós tava dormino lá na casa, às três hora da manhã, aí os PM chegaro, deu um tiro na porta, pegô na perna do XXX aí em seguida ez arrebetô a porta, aí deu o tiro, pegô na cabeça do Adatao, ez viro que tinha acertado o Adatao. Falaro: 'vamo saí fora que certô o menino aqui'... saiu tudo correno os policiais, aí desci de cima do armário, corri na porta pa vê se eu via o número da viatura deze ma num consegui, voltei lá o Adatao já tava quaise parano o coração dele, fiz massage nele, consegui dexá ele vivo mais um poco, foi eu ... foi eu e o XXX buscá socorro pra ele.

Pesquisadora: E onde vocês foram?

Menino: Nós fomo nu'a casa, lá em frente, aí o home deu sistença pra nós.

Pesquisadora: É? Levou o menino pro hospital?

Menino: Levou os dois.

Pesquisadora: Ah, e aí?

Menino: Aí eu fui dormi lá no horto, aí no o dia que eu vim aqui na Catedral e contei pos povo aqui, aí fui no hospital c'a tia, aí vi o Adatao lá no CTI” (Carvalho, 1991: 211).



análise da VARIACÃO



Episódio n' 9

Evento: Entrevista sociolinguística com menina de 11 anos residente em Brasília, DF

Estilo: semimonitorado

Evento de letramento

Antecedentes da menina: pais proletários com antecedentes rurbanos; a menina já está ajustada à cultura urbana, com a qual tem contato basicamente na escola. A menina vai folheando o caderno e fazendo comentários

A É a cadeia alimentar + né? O ciclo da vida puque cada uma vai comendo um animal ou um vegetal pra se alimentá.

A Isso aqui é a vida na água + fala assim + da fotossíntese + né como é que eles respira + como é que as plantas fabrica seu próprio alimento + fabricam (corrigindo) o oxigênio para os peixes respirarem. Aqui a cadeia alimentar.

A (passando a folha do livro) Isso aqui nós vamu aprendê. Isso aqui também. Sim + esse aqui foi como a + o homem e a água + né? Como o homem + começou + né + a utilizá a água e como ele tá precisando + como ele precisa da água. Esse aqui é água vezes progresso. (continua passando as folhas). Agora esse + as plantas + o sol + né + que já é capítulo onze. Aqui é as camadas de um terreno + que o solo com a argila + a areia + húmus + camada de argila. Esse aqui fala sobre

o surgimento e a evolução do solo. No capítulo treze tem o home que + que ele modifica o solo + que ele coloca + assim + coisas + que ele modifica o solo. Que ele provoca erosões às vezes. Os minerais e o homem + né + que fa + fala sobre rochas..." (Freitas, 1996).





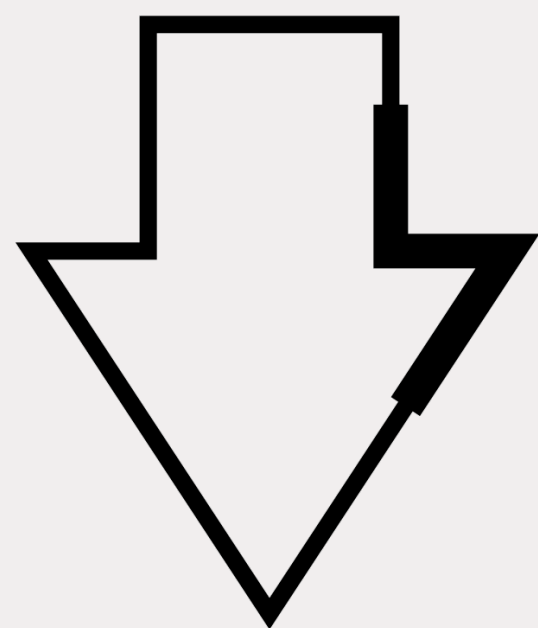
Variação & **ENSINO**

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR: A EDUCAÇÃO É A BASE (2017)

4. Etapa do Ensino Fundamental > 4.1. A Área de Linguagens >> 4.1.1 Língua Portuguesa



► Conceção de língua



Gramática do discurso/texto

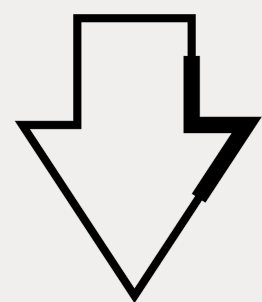
PERSPECTIVA

Assume-se aqui a perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem [...] a linguagem é “uma forma de ação interindividual orientada para uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes numa sociedade, nos distintos momentos de sua história”. (p.67)

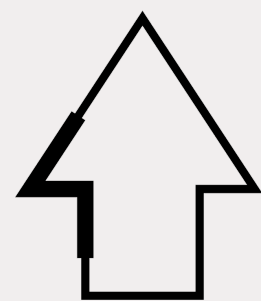
TEXTO

Centralidade do texto como unidade de trabalho [...], de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem. (p. 67)

Percepção e tratamento da variação



Gramática do texto



variação diafásica/
diamésica

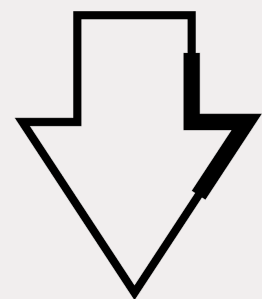
EIXO DA PRODUÇÃO DE TEXTOS

- “Desenvolver estratégias de planejamento, revisão, edição [...] avaliação de textos, considerando-se sua adequação aos contextos em que foram produzidos, ao modo (escrito ou oral) [...] à variedade linguística [...] adequação à norma-padrão etc. (p.78)

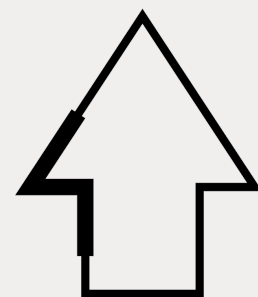
EIXO DA ORALIDADE

- Refletir sobre diferentes contextos e situações sociais em que se produzem textos orais e sobre as diferenças em termos formais, estilísticos e linguísticos que esses contextos determinam (p.79)
- Refletir sobre as variedades linguísticas, adequando sua produção a esse contexto.

Percepção e tratamento da variação



Gramática social



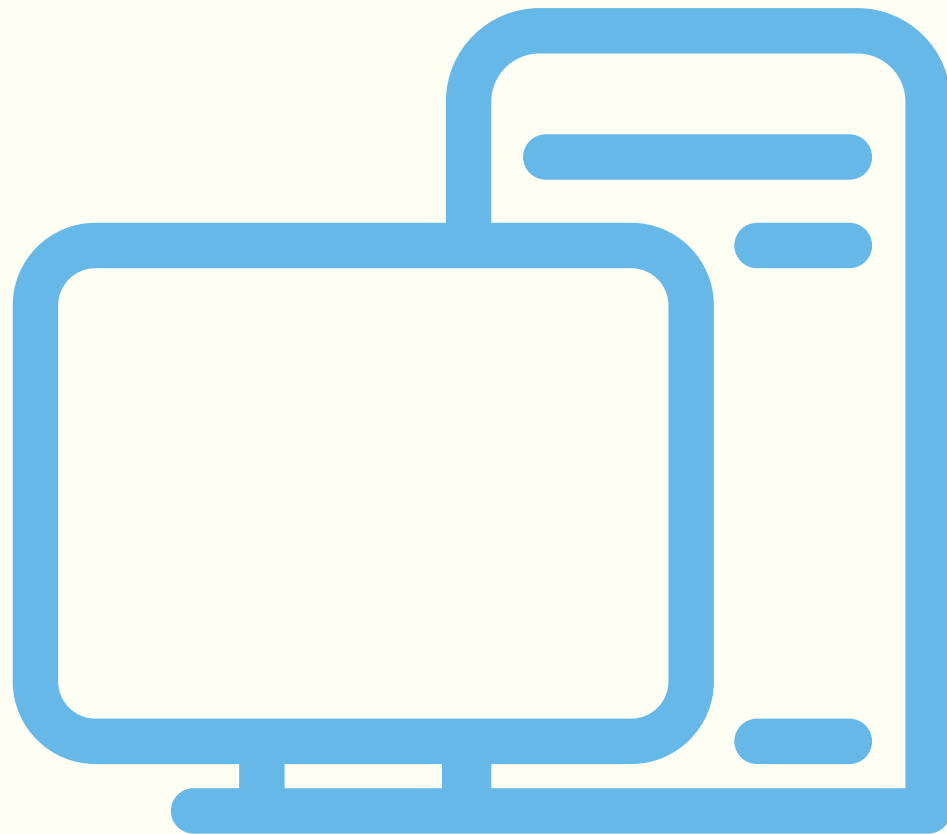
EIXO DA ANÁLISE LINGUÍSTICA:

[...] as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado. (p.81)

- Discutir, no fenômeno da variação linguística, variedades prestigiadas e estigmatizadas e o preconceito linguístico que as cerca, questionando suas bases de maneira crítica. (p.82)

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Língua, Linguagem, Linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemu na escola e agora?** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.
- CHAMBERS, Jack. K. **Sociolinguistic theory: linguistic variation and its social significance**. Oxford: Blackwell Publishers, 2003.
- COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, Edair Maria; SOUZA, Christiane Maria N.; MAY, Guilherme Henrique. **Para conhecer: Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2019.
- HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LUCCHESI, Dante. **Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.
- SANTOS, Lulu. Como uma onda no mar. Lulu Santos & Nelson Motta [Compositores]. In: SANTOS, Lulu. O Ritmo do Momento, WEA discos, 1983.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2021.
- SILVA-CORVALÁN, Carmen. **Sociolingüística: teoría y análisis**. Madrid: Alhambra, 1989.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1986.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. SP: Parábola, 2006.





@NORMALI.NGUISTICA